

WOLFE, Tom. *The kingdom of speech* [O Reino da Fala]. New York: Little, Brown and Company, 2016. 186 p.

Marcelo Saparas*
christian_matt@uol.com.br
Universidade Federal da Grande Dourados

Tom Wolfe é o autor de mais de uma dúzia de livros, entre eles clássicos contemporâneos como *The Electric Kool-Aid Acid Test*, *The Right Stuff*, *The Bonfire of the Vanities* e *A Man in Full*. Nascido em Richmond, Virginia, graduou-se na Universidade de Washington e é doutor em estudos americanos pela Universidade de Yale.

Em seu livro de 2016, *The Kingdom of Speech* [O Reino da Fala], ele polemiza sobre a possibilidade estarmos errados sobre o que sabemos a respeito da fala e da evolução humana. Wolfe, cuja notabilidade começou no jornalismo, leva-nos a uma jornada de conscientização, que certamente acarretará em um debate sobre o tripé fala/evolução humana/sociedade atual. Trata-se de uma argumentação envolvente de que a fala - e não a evolução - é responsável pelas sociedades multifacetadas atuais e pelos feitos da humanidade.

A obra *The kingdom of speech* com 186 páginas, contém seis capítulos assim apresentados:

- (1) *The beast who talked*. [A besta que falava]¹
- (2) *Gentlemen and old pals*. [Cavalheiros e velhos amigos]
- (3) *The dark ages*. [A era das trevas]
- (4) *Noam Charisma*. [Noam Carisma]
- (5) *What the flycatcher caught*. [O que o papa-mosquitos apanhou]
- (6) *The firewall*. [A barreira de proteção]

* Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professor da Universidade Federal da Grande Dourados

¹ A tradução dos títulos do livro e dos capítulos é minha.

O grande mérito do livro, que faz parte do Jornalismo Literário (New Journalism), é a maneira como o autor explica conceitos complexos que constroem a sua argumentação, com ironia e humor, porém esse fato é alvo de críticas no meio acadêmico. Por meio de uma linguagem acessível, mesmo aos iniciantes no assunto, acrescida de alguns exemplos e poucas notas de rodapé, que proporcionam uma leitura fluente e de fácil compreensão, a obra nos faz recorrer à história para uma melhor reflexão a respeito das teorias da evolução e da fala.

No primeiro capítulo – *The Beast Who Talked* – Wolfe introduz os estudos de Darwin, Chomsky e outros autoproclamados intelectuais. Argumenta que, desde Darwin, os evolucionistas falharam, não só na explicação, mas também no entendimento da origem da fala humana. O autor apresenta, neste capítulo, a evolução da própria Teoria da Evolução, que se deu dois anos depois de Darwin ter viajado no *Beagle*, inspirado numa cópia do *Ensaio sobre o princípio da população*², num zoológico de Londres, observando o comportamento de Jenny, uma fêmea de orangotango.

Wolfe mostra como o mestre de Darwin, o também Cavalheiro Lyell convenceu o discípulo a publicar sua teoria referente ao princípio da evolução pela seleção natural. O fato é que havia um codescobridor dessa teoria, ou seja, Alfred Russel Wallace, cujo mérito não foi reconhecido por ele não possuir o status de Cavalheiro. Ironicamente, Wallace foi mais tarde reconhecido pela sua criação do espectro da linguagem, que Darwin e seus acólitos não conseguiam explicar.

No segundo capítulo – *Gentleman and Old Pals* – o autor nos dá uma ideia do funcionamento da Sociedade Lineana em Londres, que primava pelo Cavalheirismo e pelos bons costumes da época. Foi lá que, em primeiro de julho de 1858, a ideia de Wallace, apresentada ao público não sem o apoio de Darwin, necessário em uma Sociedade tão fechada, foi pela primeira vez apresentada. Entretanto, estando ausentes Darwin bem como Wallace, os artigos *Sobre a tendência das espécies para*

² *Ensaio sobre o princípio da população*: Os problemas de superpopulação já preocupavam economistas europeus do século 18, quando foi publicada essa obra do inglês Thomas Malthus, afirma que a *população* do mundo crescia em progressão geométrica enquanto a produção de comida crescia em progressão aritmética

formar variedades; e *Sobre a perpetuação das variedades e espécies através da seleção* foi apresentado ao público por Lyell e Hooker.

Os artigos em si não chamaram a atenção da comunidade científica, mas sim a publicação do livro *Sobre a Origem das Espécies*, em 1859. Wolfe mostra como Darwin conviveu com o sentimento de culpa por ter secundarizado o idealizador propriamente dito da Teoria da Evolução, Wallace. Não obstante, foi o próprio Wallace, favorável às ideias do espiritismo da época, quem obscureceu todo o caminho da notoriedade, ao afirmar que o cérebro e a palavra só poderiam advir de uma força superior. Além disso, ele mesmo promoveu um desconforto na teoria evolutiva de Darwin, asseverando que essa teoria não explicava a evolução cerebral humana, que a permitia tratar de conceitos abstratos e matemáticos e, principalmente, do dom da palavra, que é uma habilidade exclusiva da espécie humana.

No terceiro capítulo – *The Dark Ages* – Wolfe associa a ideia da deterioração cultural que ocorreu na Idade Média na Europa ocidental com a queda do Império Romano. Foi uma época de relativa escassez de produção escrita e científica.

De acordo com a *Encyclopædia Britannica*³, essa época – que é conhecida como *Dark Ages* (Era das Trevas) – vem carregada de viés pejorativo, o que pode ter levado Wolfe a relacionar a deterioração cultural da Idade Média com a queda do Império Romano.

O nome do período refere-se à invasão dos chamados povos bárbaros (hunos, godos, vândalos, búlgaros, alani, sueiros e francos) do que havia sido o império romano ocidental. O termo *Dark Ages* (Era das Trevas) é, hoje, raramente usado pelos historiadores devido ao julgamento negativo nele implicado (tradução livre).⁴

Segundo Wolfe, o posicionamento de Wallace, questionando a Teoria da origem das Espécies, tornou-se uma espécie de tabu, tendo sido pouco comentado na época. A questão foi somente retomada nos estudos de Gregor Johann Mendel, frade

³ Fonte: <https://www.britannica.com/event/Dark-Ages>.

⁴ Texto original: “The name of the period refers to the movement of so-called barbarian peoples—including the Huns, Goths, Vandals, Bulgars, Alani, Suebi, and Franks—into what had been the Western Roman Empire. The term “Dark Ages” is now rarely used by historians because of the value judgment it implies”.

austríaco, que fez experimentos com a hibridação de plantas. Mendel mostrou que os padrões hereditários são determinados por genes, que ocorrem em pares em um indivíduo. Em outras palavras o Iluminismo veio dar alguma luz à Era das Trevas. Wolfe explica também a introdução da linguística em meio a essas discussões sobre a fala por meio da glotocronologia, termo cunhado em 1948 pelo linguista Morris Swadeshi cuja meta era estabelecer a cronologia de línguas por meio de mudanças na gramática, sintaxe, ortografia, léxico e potencial de absorção de outras línguas, ou seja, dos empréstimos linguísticos. Entretanto essa concepção também teve seu período de trevas e entrou em declínio, sendo secundarizada por novos projetos de engenharia do Massachusetts Institute of Technology (MIT) relacionados à disciplina chamada Comunicações da Fala e o *boom* de trabalhos científicos decorados com esotéricos algoritmos e gráficos, além de recursos visuais que ofuscavam os glotocronologistas.

No quarto capítulo – *Noam Charisma* – Wolfe refere-se ao prestigiado linguista Noam Chomsky. *Noam Charisma* é uma alusão ao jovem e carismático linguista americano, que em 1957 aos 28 anos, ao escrever o seu famoso livro *Estruturas Sintáticas*, tornou-se um dos maiores linguistas do mundo. O que faltou ser mencionado no decorrer da obra foram referências a outros linguistas influentes como, por exemplo, o linguista inglês Michael Halliday e o mestre Saussure, que há 101 anos atrás, com a publicação do Curso de Linguística Geral, promoveu um avanço na linguística. Quando se trata de Chomsky, mais uma vez, nota-se que Wolfe, um conservador de carteirinha, não é um grande conhecedor de política, pois trata a crítica do renomado linguista Chomsky no que tange à invasão do Vietnã por seu país como uma espécie de estratégia para se tornar conhecido, argumentando que o lado linguístico de seu trabalho o beneficiou, de algum modo, nessa suposta associação. Mas há pouca evidência disso. Aliás, o grupo que apoia a linguística chomskyana, em especial o da academia americana, quase sempre foi um grupo distinto daqueles que amam a sua política - e o próprio Chomsky faz grandes esforços para manter esses dois círculos separados.

No quinto capítulo – *What the Flycatcher Caught* – Wolfe segue discorrendo sobre Chomsky fazendo alusão a sua “Lei de Recursividade”, ou seja, a capacidade de

formar sentenças infinitamente longas encaixando orações dentro de orações. Na sequência, cita Daniel Everett, que se dedicou aos limites culturais da gramática e cognição na língua pirahã, cujo livro de memórias *Don't sleep, there are snakes* (Não durma, aqui tem cobra, em tradução livre) sobre a tribo dos pirahã⁵ tornou-o um especialista nos estudos sobre a cultura e a língua desses indígenas.

Wolfe, equivocava-se ao julgar que, ao apoiar Wallace contra Darwin com relação à evolução da mente racional da humanidade, como o faz neste capítulo, ele está, de algum modo, tomando uma posição contra Chomsky ao confrontá-lo com o linguista Daniel Everett. Na verdade, Chomsky sempre concordou com Wallace nesta questão-chave negando que a seleção natural poderia explicar a linguagem, a moralidade ou o pensamento racional. A ironia é que, enquanto Wolfe acha que ao combater Chomsky respaldando Wallace, ele está, de fato, apoiando-o. Afinal, Chomsky considera sua própria teoria como um avanço para a linguagem resultando num refinamento moderno da noção de Wallace de um fosso inexplorável entre a natureza animal e a humana.

O que chama a atenção neste capítulo é o fato de Wolfe ironizar Chomsky, chamando-o de anarquista, mas um anarquista que aprecia sua sala com ar condicionado e computadores de última geração, que jamais sairia de seu confortável escritório na MIT, de onde não arredaria os pés para estudar uma nova língua como o pirahã. Além disso, seria se humilhar a Everett estudar o pirahã e detectar que esse idioma seria a destruição de suas teorias em relação à Gramática Universal (GU) e a Recursão, pois o pirahã é uma língua independente e cada sentença dessa língua se refere a um único evento. O idioma pirahã, diz Everett, não contém universais linguísticos tidos como essenciais para a GU, segundo a qual a biologia humana molda a linguagem e a variação gramatical possível nas diferentes línguas. O principal ponto é a alegada falta de recursividade do pirahã, ou seja, a capacidade de formar frases infinitamente longas encaixando elementos um no outro.

Em 2012 os críticos de Everett o acusaram de não publicar seus dados sobre sua famosa pesquisa de campo, mesmo sete anos após o surgimento da polêmica;

⁵ “Os pirarrãs ou piraãs, também chamados de pirahãs ou mura-pirahãs, são um povo indígena brasileiro de caçadores-coletores, monolíngues e semi-nômades, que se destacam de outras tribos pela diferença cultural e linguística. Eles habitam as margens do rio Maici, afluente do rio Marmelos ou Maici, que por sua vez é um afluente do rio Madeira, um afluente do rio Amazonas”. [Fonte: https://www.indios.org.br/pt/noticias?id=153403&id_pov=212].

entretanto, sua maior decepção vem do fato de alguns estudiosos e até mesmo a FUNAI terem visto sua pesquisa como uma “pesquisa racista”. Isso levou à proibição de seu acesso à tribo dos pirahã.

No sexto e último capítulo – *The Firewall* – Wolfe retorna à discussão da linguagem dos pirahã e um suposto antagonismo entre Chomsky e Everett. Para Wolfe, mesmo depois de um século e meio de disputas sobre a evolução (ou não) da aptidão da linguagem, tal “faculdade continua um enigma”. Para ele, a teoria de Everett não foi promovida como uma teoria alternativa da teoria chomskyana devido à falta de prestígio de Everett, comparado à notoriedade de Chomsky na comunidade acadêmica. Por outro lado, Wolfe insiste, por exemplo, em que Darwin não tinha evidências para sua teoria da evolução por seleção natural. De fato, apresentou alguma evidência em sua época, incluindo a distribuição geográfica de espécies, anatomia comparativa, fósseis e a existência de órgãos vestigiais. Obviamente nos dias atuais, a evolução é observada em tempo real no laboratório, entre micróbios ou insetos, fato que Wolfe desconhece, ou opta por não mencionar. Em verdade, Wolfe faz sua argumentação baseada em suas próprias obras como *The Right Stuff* e *The Bonfire of the Vanities*.

O livro de Wolfe, de linguagem acessível, traz à tona questões para fora da bolha acadêmica e, por isso, pode ter um papel fundamental na retomada de discussões sobre a linguagem, que em certos momentos parecem ter ficado estagnadas.

Recebido em 18/09/2017

Aceito em 17/10/2017

Publicado em 21/10/2017